

A capoeira do Mercado Modelo de Salvador: gestualidades performáticas de corpos em exibição

CDD. 20.ed. 796.82

Rodrigo da Costa FARIAS*
Silvana Vilodre GOELLNER*

*Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Resumo

Esta pesquisa analisou a prática da capoeira em um local específico: o Mercado Modelo de Salvador, reconhecido como um importante ponto turístico da Bahia. A pesquisa caracteriza-se pelo cunho qualitativo, utilizando estratégias de captação etnográfica, tais como a observação participante, o diário de campo e a entrevista semi-estruturada. A análise dos dados foi realizada com base na técnica de triangulação das informações, a partir da qual foram eleitas quatro unidades de análise: "O Mercado Modelo e a capoeira: entre a tradição e o espetáculo"; "A capoeira do Mercado Modelo: gestualidades performáticas em ação"; "A capoeira como produto de consumo: a comercialização dos corpos e do espetáculo"; e "Capoeira para turista ver: resistir para existir". Com a análise dessas unidades, foi possível observar que a capoeira que acontece no interior do Mercado Modelo está muito voltada para sua espetacularização, visto que deve atrair o olhar do turista. Nessa perspectiva, sua gestualidade é performática e objetiva impressionar a assistência para, assim, angariar algum recurso financeiro. Por essa razão, os capoeiristas elaboram diversas estratégias que oscilam entre a tradição e o espetáculo, a ludicidade e a competição, a performance e o divertimento, buscando, sobretudo, permanecer atuando no Mercado Modelo, pois, para muitos, é dali que resulta sua principal forma de sustento.

UNITERMOS: Capoeira; Tradição; Espetáculo.

Introdução

Desde as últimas décadas do século XIX, a capoeira figura como uma prática corporal vivenciada no Brasil. Suas origens nos remetem a um passado escuro, pois ainda hoje são recorrentes as várias versões acerca de sua criação: para uns, foi importada da África, para outros, criada no Brasil¹. Em que pesem essas diferentes versões sobre sua suposta origem, vale lembrar que a capoeira é uma prática facilmente visualizada nas cidades, seja nas ruas, parques e praças, nas academias e mesmo nas aulas de educação física no contexto

escolar. Uma prática outrora proibida², na atualidade, é reconhecida como uma manifestação cultural que carrega consigo elementos fundantes da construção da identidade nacional.

Considerando a capoeira como um importante elemento da cultura brasileira, esta pesquisa objetiva compreender o universo dessa prática corporal dentro de um espaço específico: o Mercado Modelo de Salvador, na Bahia, reconhecidamente identificado como um ponto turístico do Brasil.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa desenvolvida é de cunho qualitativo, sendo utilizadas estratégias de captação etnográfica,

tais como a observação participante³, o diário de campo⁴ e a realização de entrevistas semi-estruturadas⁵.

A opção pela análise qualitativa se deu em função de esta “permitir ao investigador a descrição e interpretação das representações e dos significados que um grupo social dá à sua experiência cotidiana” (MOLINA NETO, 1999, p.12). A opção de trabalhar com estratégias de captação etnográfica ancora-se na teorização de GEERTZ (1989), para quem a investigação do mundo cultural caracteriza-se por ser uma análise de contextos particulares onde o investigador mergulha na cultura estudada, buscando apreendê-la na sua complexidade. A interpretação desta cultura se dá a partir a partir das significações que os indivíduos atribuem ao seu comportamento cabendo ao investigador descrevê-la de forma densa. No âmbito específico desta pesquisa, considera-se que a capoeira desenvolvida no interior do Mercado Modelo da cidade de Salvador integra um contexto cultural específico, cujo estudo microscópico aborda análises e interpretações amplas e abstratas “a partir de um conhecimento muito extensivo de assuntos extremamente pequenos” (GEERTZ, 1898, p.31).

Os dados empíricos foram coletados no período compreendido entre os meses de março e julho de 2005, por meio da convivência diária com os capoeiristas do Mercado Modelo e da participação nas rodas de capoeira, bem como mediante encontros com mestres, alunos, participantes e administradores do Mercado Modelo. Posteriormente, em novembro de 2006, durante o evento organizado pela Federação Gaúcha de Capoeira denominado “O Barracão da Capoeira do Rio Grande do Sul”, foram realizadas entrevistas que também subsidiaram as reflexões empreendidas no presente trabalho. Ao longo da pesquisa, foram realizadas 18 entrevistas cujo roteiro contemplava dois enfoques: história de vida e participação na capoeira. A partir desses enfoques foram elencadas perguntas de caráter aberto no qual os entrevistados puderam relatar sua trajetória pessoal bem como sua inserção e permanência no universo da capoeira, dentro e fora do Mercado Modelo.

Segundo Mary Jane SPINK (2000), a delimitação do grupo a ser investigado, também constitui uma etapa relevante do caminho investigativo a ser seguido. Como o objetivo desse estudo era compreender o universo da capoeira dentro de um espaço específico, o Mercado Modelo de Salvador, foram definidos alguns pré-requisitos para a elegibilidade do grupo de participantes da pesquisa, a saber: ser praticante de capoeira (aluno ou mestre), participar das atividades desenvolvidas no Mercado Modelo e, no caso da

administração do Mercado Modelo, estar envolvido com a regulamentação e controle desta prática no interior deste espaço turístico.

Além da observação diária das atividades de capoeira realizadas no interior do Mercado Modelo, a pesquisa de campo desenvolve-se ainda através da participação em eventos sobre capoeira, reuniões de grupos de capoeira, exibições de capoeiristas em outros espaços na cidade de Salvador. Todos estes momentos integram a observação participante e foram assinalados nos diários de campo cujos conteúdos relatam, de forma detalhada, os registros de diferentes momentos: as rodas de capoeira realizadas no Mercado Modelo, a assistência, as rotinas, as estratégias de captação de recursos financeiros, as disputas, as negociações com a administração do Mercado, enfim, os meandros do cotidiano desta prática corporal no espaço específico em que foi analisada. Essas observações e estes registros no diário de campo tornaram-se fundamentais para a aproximação com os sujeitos da pesquisa na medida em que se mostraram como espaços privilegiados para agendar as entrevistas individuais que foram realizadas após os sujeitos serem esclarecidos sobre os propósitos da pesquisa e assinarem o Termo de Consentimento Informado. Todas as entrevistas foram gravadas em fita microcassete, tendo uma duração que variava entre uma hora e uma hora e 30 minutos. Posteriormente, foram processadas respeitando as etapas de transcrição, conferência de fidelidade e definição de categorias analíticas que atendessem aos objetivos formulados para o estudo.

Para a análise dos dados oriundos do trabalho de campo, utilizou-se a técnica da triangulação, entendida aqui como um procedimento de análise em que se combinam as fontes empíricas (observação participante, diário de campo e entrevistas) com o referencial teórico que ancora a pesquisa e com a interpretação dos investigadores. No âmbito específico do referencial teórico cabe citar que a pesquisa fundamenta-se nos pressupostos teóricos dos estudos sócio-históricos sobre a capoeira no Brasil (REIS, 2000; SODRÉ, 2002; VIEIRA, 1998).

A construção das categorias de análise, entendida como uma etapa da composição das informações emergiu da triangulação entre as diferentes fontes de pesquisa seguindo as seguintes etapas. Feito o processamento das entrevistas foram retiradas as unidades de análise que mais se repetiam, procedimento esse seguido também na análise dos dados oriundo das anotações dos quatro cadernos

manuscritos que compuseram os diários de campo contemplando os registros das observações. Tornaram-se recorrentes algumas unidades de significados, dentre as quais destacaram-se: a tradição da capoeira, capoeira regional x capoeira Angola, história do Mercado Modelo, Bahia e turismo, capoeira e turismo, capoeira espetáculo, mercadorização da capoeira, entre outras. Estas unidades foram agrupadas por aproximação temática conformando três categorias de análise: “O

Mercado Modelo e a capoeira: entre a tradição e o espetáculo”; “A capoeira do Mercado Modelo: gestualidades performáticas em ação” e “A capoeira como produto de consumo: a comercialização dos corpos e do espetáculo”. A quarta categoria, denominada “Capoeira para turista ver: resistir para existir” emerge de outro procedimento: conforma as análises e conclusões contempladas pelos autores do texto cujas reflexões advêm do próprio desenvolvimento da pesquisa.

Tarefas interpretativas

O Mercado Modelo e a capoeira: entre a tradição e o espetáculo

Inaugurado no dia 9 de dezembro de 1912, o Mercado Modelo funcionava, até meados dos anos 70 do século XX, como o principal centro de abastecimento da cidade de Salvador. Nele eram comercializados frutas, verduras, carnes, aves, peixes, farinhas, camarões, pimentas e toda sorte de gêneros alimentícios, assim como charutos e cachaça produzida em várias localidades do interior da Bahia. O primeiro prédio do Mercado Modelo situava-se entre a Casa da Alfândega e a Escola de Aprendizes de Marinheiro, onde permaneceu até 1969, quando foi totalmente destruído por um incêndio. No ano de 1971, foi transferido para a Casa da Alfândega, um imponente prédio federal que, em 1966, tinha sido tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. É nesse prédio que o Mercado permanece até hoje, ainda que tenha alterado parte significativa de suas atribuições, deixando de ser um local de comercialização de alimentos e de distribuição de produtos vindos do interior da Bahia para se consolidar como um local de atração turística cuja função primeira é a comercialização de produtos ligados à identidade baiana, dentre eles, a capoeira. Administrado pela Prefeitura Municipal de Salvador, o Mercado Modelo é oficialmente apresentado como

o maior Shopping de Artesanato do Brasil. Assim pode ser definido o Mercado Modelo com sua diversidade de lojas, onde podem ser encontrados os mais variados tipos de artesanato e produtos típicos da Bahia. (...) Conhecido como um dos principais pontos turísticos de Salvador, localizado na região do comércio na cidade baixa, o Mercado Modelo é visitado por

80% dos turistas que visitam a cidade. Espaço cultural e artístico, ponto de encontro e convivência, nem só de compras vive o Mercado Modelo com suas rodas de capoeira ao som dos berimbaus e caxixis, que retratam o espírito de animação da Bahia (O MERCADO, 2007).

Apesar de a capoeira ser um dos atrativos do Mercado Modelo na atualidade, desde há muito tempo ela pode ser identificada com esse espaço público; ela também faz parte de sua história. Segundo Mestre Agogô⁶, um dos capoeiristas mais antigos ainda em atividade, suas primeiras experiências com a capoeira do Mercado datam da década de 60:

Eu era menininho, 13 anos, comecei vendo a roda do Mercado uma vez por semana. Na frente do Mercado (do prédio antigo destruído pelo incêndio), se reuniam todo sábado. Naquela época, só tinha roda no sábado. E quem é que estava lá: Camafeu de Oxossi (conhecido compositor, percussionista e capoeirista), Dois de Ouro, Antonio Diabo, Nelinho Gereba, Vermelho Mijão, Pau de Rato. E eu lá vendendo cafezinho pra sobreviver. Comecei a olhar os movimentos, tentar fazer sozinho pra ver se aprende⁷.

Naquele tempo, o Mercado Modelo era também um espaço de circulação de marginais, prostitutas, arruaceiros, pessoas sem ocupação definida, pois se situava na denominada “zona do mulhério”, ou seja, no bairro Cidade Baixa. Este, segundo Muniz Sodré, atraía muitos homens, sendo que vários “dos embarcadiços do Mercado Modelo, dos carregadores de mercadorias, dos saveiristas, eram cultores da capoeira. A esses juntavam-se trapicheiros, carroceiros, estivadores e malandros” (2002, p.32).

Embora algum tempo tenha decorrido entre a década de 60 e os dias de hoje, o Mercado Modelo

continua sendo um local onde circulam muitos homens vinculados à capoeira; vários deles têm, nesse local, o principal meio de ganhar algum dinheiro. É a partir dos anos 60 que começam a se desenvolver, no Brasil, iniciativas para a ampliação do potencial turístico, uma delas voltada para a fusão de exibição de manifestações culturais e comercialização de produtos identificados com a cultura local e regional, objetivando incrementar a venda de produtos típicos. Segundo Frede ABREU, a partir dos anos 60, esta mistura será transformada num filão pela indústria turística, que facilitará a exploração de muitas dessas manifestações como a capoeira, o samba, o candomblé, entre outras, pelos restaurantes mais especializados voltados para a demanda turística (2003, p.18).

A identificação da capoeira como uma atração turística e a necessidade de sobrevivência em um contexto econômico adverso fizeram com que vários capoeiristas buscassem no Mercado Modelo um espaço para exibir sua arte e, desse modo, angariar algum dinheiro da assistência. Essa situação permite identificar que, no âmbito específico desse local, o turismo, aliado à necessidade de sobrevivência dos mestres, acabou por provocar mudanças no próprio acontecer da capoeira, a ponto de eliminar vários vestígios vinculados às antigas tradições, como, por exemplo, jogar a capoeira por mero prazer, diversão ou vadiação.

Para a capoeira se manter dentro de um local de grande afluência turística, foi necessário efetivar uma série de modificações e normatizações, muitas delas impostas pela Empresa Municipal de Turismo de Salvador, direcionadas, por exemplo, para a distribuição do tempo, a apropriação do palco, a regulação da bateria. Nesse sentido, foram criadas novas tradições de modo a fazer crer que a capoeira que ali se apresenta, ainda que seja moderna e performática, é também signatária da tradição de outros tempos. Configura-se aqui o que HOBBSAWM (1984) denomina de tradição inventada, entendida como

um conjunto de práticas normalmente reguladas por normas tácitas ou abertamente aceitas. Tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico

apropriado... Contudo, espera-se que ela ocorra com mais frequência quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as velhas tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis (p.23).

No contexto da capoeira praticada no interior do Mercado Modelo, é possível identificar um deslocamento do seu acontecer cotidiano. Em função da visibilidade que precisa conquistar como um produto a ser vendido dentre tantos outros, sua prática não mais está vinculada apenas à diversão ou à interação entre capoeiristas. Figura, agora, como algo a ser exibido aos turistas que visitam aquele conhecido ponto turístico da cidade de Salvador. Isso implica afirmar que, para consolidar-se como espetáculo, a recorrência à tradição, mesmo que inventada, é uma estratégia de permanência. Nas palavras de Augusto Januário dos Passos SILVA (2003):

Para que pudesse sobreviver, a Capoeira teve que mudar sua lógica de funcionamento para atender a sociedade capitalista que se encarregou de manter esse segmento cultural nos setores populares, dentro dos seus moldes num contexto onde os mesmos aparecem deslocados do seu verdadeiro significado e importância. A Capoeira deixou de ser um instrumento “de sobrevivência” para se transformar num instrumento “pela sobrevivência”, onde elementos são incorporados para atender a necessidade capitalista (p.82).

O processo de espetacularização da capoeira pode ser semelhante ao de outras práticas corporais contemporâneas que, no contexto brasileiro, romperam com sua tradição para assegurarem seu lugar no mercado. Atividades como a ioga, a ginástica e as artes marciais são exemplares dessa afirmação. Segundo LUZ (2003) as modificações que emergiram no interior destas práticas buscam, de certa forma, se adaptar aos valores contemporâneos de beleza, saúde e performance. Razão pela qual, se afastaram de suas origens incorporando outros gestos, tempos, velocidades. Discussão semelhante é realizada por autores de diferentes campos disciplinares cujas obras evidenciam como o esporte também se alterou consoante os novos tempos e as novas exigências libertando-se do lirismo das virtudes para adentrar a lógica pós-moralista, narcísica e espetacular (LIPOVETSKY, 1994; POCIELO, 1995).

No contexto da sociedade de consumo, a capoeira que se apresenta no Mercado Modelo

sofreu profundas alterações: não é mais exibida como uma forma de resistência e de denúncia da escravidão como fora outrora. Se apresenta em forma de mercadoria a ser exibida como integrante da cultura local e da identidade nacional. Mostra-se como um produto que, por conter em si a tradição e o espetáculo, deve atrair a atenção dos turistas nacionais e estrangeiros que por lá circulam, caracterizando-se não como uma simples prática de capoeira, mas prática de uma capoeira específica: a capoeira do Mercado Modelo.

O capoeira do Mercado Modelo: gestualidades performáticas em ação

O local designado para a prática da capoeira nas dependências do Mercado Modelo situa-se no piso inferior do prédio, próximo aos bares, que, para melhor atender a clientela, disponibilizam várias mesas e cadeiras onde os turistas podem desfrutar, com tranquilidade, do espaço e dos produtos que irão consumir. Ali foi montado um palco circular de madeira, com aproximadamente quatro metros de diâmetro, a uma altura em torno de 30 centímetros do chão. Nos arredores do palco, são exibidos dois cartazes que indicam que ali acontecem apresentações de capoeira. Vale destacar que a presença de um palco para realização da roda já assinala, de antemão, que haverá uma apresentação artística, e não um jogo desprovido de qualquer outro interesse que não o de se exibir como espetáculo.

As atividades realizadas nesse palco iniciam por volta das nove horas da manhã, quando se dá a preparação do espaço destinado ao jogo da capoeira. A primeira roda inicia às 10 horas e termina por volta do meio-dia. Nesse momento, outro capoeirista protagoniza a roda e utiliza o palco até aproximadamente às 13 horas. O rodízio continua, e um novo capoeirista assume os trabalhos até às 13h30min, quando se dá nova substituição, e outro encarregado atua até às 15 horas. Nesse momento, entra em cena o último mestre do dia, que coordena as atividades até às 17 horas. Caso haja grande movimentação de assistentes, essa roda pode estender-se mais uns 30 ou 40 minutos.

Essa rotatividade entre os mestres foi uma estratégia encontrada pelos capoeiristas para partilhar o tempo de uso do palco e, assim, os possíveis ganhos financeiros que possam obter. A designação de quem inicia e de quem termina ou, ainda, de quem tem mais ou menos tempo para se apresentar se dá a partir de alguns critérios, como, por exemplo, a “fama” do mestre que

comandar a roda. Assim, os mais antigos e mais respeitados pela sua história de capoeiragem no Mercado Modelo recebem os melhores horários e também mais tempo para usufruírem do palco, enquanto os novatos vão, gradativamente, conquistando esses privilégios. Quando os mestres mais antigos envelhecem ou morrem, seu espaço no palco é repassado a um mestre da sua comunidade para que este siga realizando a roda, respeitando, de certa forma, sua linhagem e importância.

Assim como existem alguns critérios para a distribuição do tempo e dos horários de utilização do palco, há critérios para a seleção dos capoeiristas que podem ser chamados de “mestres”. Alguns pré-requisitos são necessários: primeiramente, o capoeirista tem que possuir notável habilidade e conhecimento sobre capoeira, não necessariamente Regional⁸ ou Angola⁹, pois nenhum dos mestres entrevistados se definiu como seguidor ferrenho de um desses estilos. Precisa conhecer, sim, as artimanhas da capoeira de rua¹⁰, malandreada, traiçoeira, violenta, que engloba elementos das lutas, dentre elas, o boxe. Subentende-se, então, que esse mestre, mais do que ser um jogador de capoeira, é também um lutador com experiência em combates e nunca recusa uma disputa, na roda ou fora dela.

Além dos pré-requisitos já citados, o mestre deve possuir um histórico de convivência no Mercado Modelo, conhecer quem circula nesse espaço, saber quem são os capoeiristas que ali se apresentam e, principalmente, ter uma relação “amigável” com os mestres mais velhos. Deve, sobretudo, ser reconhecido pela comunidade de capoeiristas do Mercado Modelo como alguém que pode ser, efetivamente, identificado como mestre. Esses mestres, em sua maioria, possuem seu próprio grupo ou associação, cujos alunos compõem a roda e protagonizam o espetáculo. No entanto, nem só de alunos se estrutura a roda. É comum o mestre permitir a presença de um capoeirista “de fora”, desde que este comprove sua habilidade no jogo da capoeira e, mais que isso, tenha condições de atrair com seu jogo o olhar dos turistas, facilitando a arrecadação de algum dinheiro que reverta em favor do mestre e/ou do próprio grupo.

Cada grupo que se apresenta no Mercado Modelo tem sua própria bateria, que não segue nenhum estilo fechado ou tradicional. Durante as apresentações de cada dia, percebe-se uma variação na composição do grupo que conduz o ritmo da roda: um ou mais berimbaus, um ou mais cantores, diferentes ritmos conferidos pelos tocadores. Em certos

momentos, ecoam do berimbau cantigas tradicionalmente vinculadas à Capoeira Angola; noutros, o pandeiro acelera o ritmo, aproximando-se da Capoeira Regional; por vezes, ouvem-se no atabaque as batidas vinculadas aos rituais do candomblé; frequentemente, o bater de palmas dos alunos acompanha o ritmo do samba de roda. Essa miscelânea objetiva fazer do som da roda algo atrativo e interessante, pois a intenção é chamar o máximo possível de atenção do turista leigo. Nas palavras de um dos mestres que atuam no Mercado Modelo: “*Se tiver dez berimbaus e aparecerem dez tocadores, põe todo mundo pra tocar. O negócio é impressionar o gringo*” (Mestre Biriba¹¹).

O jogo propriamente dito ou, se preferirmos, a roda, não segue um ritual específico, ainda que, durante o trabalho de campo, poucas vezes tenha sido observada uma apresentação orientada por movimentos lentos e pausados. No palco do Mercado Modelo, o que se vê é velocidade, agilidade, precisão gestual, saltos impressionantes e acrobacias que maravilham os assistentes. O jogo de capoeira do Mercado Modelo se dá a partir de uma espécie de “monólogo corporal”, pois a comunicação entre dois corpos, quando um jogador descobre a intenção do outro e responde a ela, buscando sempre surpreender o adversário, é minimizada em nome de uma apresentação performática. Nessa situação, como afirma REIS (2000), o diálogo improvisado que acontece durante a roda deixa de seguir certas regras, e, quando não há “obediência às regras que organizam os movimentos corporais do jogo, o diálogo entre dois corpos tende a tornar-se um monólogo” (p.173).

Por certo que, no espaço do Mercado Modelo, a intenção não é propriamente “jogar capoeira”, nem mesmo privilegiar, com o parceiro, um diálogo corporal que esteja mais direcionado para o que acontece dentro da roda: disputas, revides, trocas, aprendizados mútuos, interação. Na ótica dos próprios capoeiristas, esse tipo de jogo não rende contribuições por parte dos turistas, pois estes, geralmente, estão muito mais interessados em fotografar ou filmar os movimentos espetaculares que os jogadores conseguem executar. Em decorrência dessa percepção, o capoeirista procura, mediante acrobacias e saltos, chamar a atenção do público. Muitas vezes, no afã de buscar a melhor pose para uma foto, o jogador esquece que não está sozinho no palco e acaba, por exemplo, virando as costas para o parceiro e quebrando a comunicação entre os corpos. Mais do que jogar, o interessante é se

deixar fotografar. Nas palavras de Mestre Pandeiro¹², ainda em atividade no Mercado Modelo: “*Antigamente, a gente nem fazia acrobacia, era só pancadaria mesmo. Ninguém se preocupava em agradecer gringo, era mais pra conseguir uma ‘ponta’¹³ e pra trocar pau¹⁴”.*

Se a intenção é atrair turista, brigar não é uma boa perspectiva. Nesse sentido, a capoeira do Mercado Modelo busca adaptar-se ao espetáculo, valorizando não as brigas ou disputas, mas, sobretudo, a performance acrobática. Ao prender a atenção do turista, o capoeirista pretende despertar a vontade daquele de contribuir financeiramente com a roda. Segundo o depoimento de Mestre Agogô⁷, antigamente, não havia a preocupação em agradecer à assistência; o jogo estava mais voltado para a disputa corporal, e as contribuições eram adquiridas na base da truculência. Referindo-se ao final da década de 70 e início de 80, ele diz: “*naquele tempo, só ia bom, porque, se não fosse bom, não ia, era muita pancadaria, toda semana ia gente pro hospital*”.

Embora a violência ainda esteja presente em muitas rodas de capoeira que acontecem no interior do Mercado Modelo, alguns mestres adquiriram consciência de que o espectador quer ver um “show”. Não será, portanto, distribuindo pancadas que irão conseguir o dinheiro do almoço. Foi possível perceber, ao longo do trabalho de campo, que a ambigüidade ludicidade-combate, dança-luta, brincadeira-discórdia aparece em diferentes situações e de diversas formas. Em questão de segundos, por exemplo, um jogo extremamente lúdico que encena uma disputa onde prevalecem acrobacias pode se converter, por ocasião de um fator interno ou externo à roda, em um combate corporal em que um capoeirista pode revidar um golpe sofrido ou, ainda, chamar para si a atenção de algum turista. Segundo o Mestre Almir das AREIAS,

É nas rodas que o capoeirista, sentindo e seguindo o som excitante do berimbau, o ritmo de transe do atabaque, o repicado do pandeiro, o tilintar do agogô, a harmonia do canto e a vibração da platéia, sente-se mais do que nunca como alguém que existe, brincando, rindo, se melando e nadando no rio do seu próprio suor... Mas é também na roda, pelo massacre e opressão sofridos no cotidiano de cada um e quando induzidos pelo caminho do ódio e da revolta, que a violência também tem vez. E aí, o que era brilho transforma-se em opaco, o que era festa e alegria, em guerra, o que era vida, em destruição, o que era amor toma o caminho do ódio, e o medo, a dor, a tristeza, tomam conta do ambiente (1983, p.94).

Essas diferentes manifestações puderam ser percebidas no acontecer da capoeira do Mercado Modelo. Muitas vezes, um jogo calmo transformou-se em acirrada disputa, como também, ao contrário, não foram poucas as observações em que o jogo que iniciou de forma malandra e até violenta, num átimo de segundo, converteu-se em uma disputa comedida e acrobática. Em ambos os casos, uma permanência: a exibição de gestos performáticos e virtuosos, capazes de prender o olhar da assistência, despertar seu interesse e, quiçá, possibilitar a oferta de alguma contribuição financeira.

O capoeira como um produto de consumo: a comercialização dos corpos e do espetáculo

Uma das motivações que movem a roda no palco do Mercado Modelo é a posse do dinheiro dos turistas, o que exige dos capoeiristas que lá se apresentam habilidades outras que não apenas as corporais. Para conseguir angariar recursos, torna-se necessário desenvolver meios e artifícios que possibilitem a doação de algum valor em dinheiro. Valendo-se, então, da malandragem (característica que, nessa comunidade, identifica um bom capoeirista), os praticantes do Mercado Modelo criaram diferentes métodos e sutilezas para maximizar seus rendimentos a partir da colaboração oriunda do público que assiste ao espetáculo. Cabe lembrar que eles não recebem nenhum salário ou remuneração para se apresentarem naquele espaço turístico. Tudo o que arrecadam advém da contribuição da assistência, razão pela qual precisam impressionar e causar impacto.

Uma das estratégias identificadas ao longo do trabalho de campo - e também a mais utilizada - se dá quando o capoeirista percebe o interesse do turista em fotografar ou filmar a roda. Aproveitando-se desse interesse, dá total liberdade aos registros fotográficos, exhibe-se diante das câmaras, mostra-se extremamente simpático e sorridente. Depois de registrado o momento, dirige-se ao público e solicita uma colaboração “espontânea”, a ser dividida entre todos os integrantes da roda. Essa atitude é denominada “gaeva” e significa ato de iludir e de agradar ao turista para que ele seja generoso na contribuição. Em algumas situações, alguns turistas animam-se com o espetáculo e sobem ao palco para serem fotografados entre os capoeiristas, simulando situações de jogo, ou junto da bateria, como se participassem desta. Nesses casos, a colaboração solicitada pode ser um pouco mais generosa.

Outra forma de arrecadação advém da comercialização de artigos de capoeira produzidos pelos grupos e associações de cada mestre, tais como instrumentos, camisetas, abadá, CDs e DVDs, pequenos “souvenirs”. Nessa e em outras formas de conseguir algum trocado, os capoeiristas utilizam-se de sua capacidade de persuasão, malandragem e sapiência, pois é dessa comercialização que muitos deles sobrevivem.

Em estudo realizado sobre os primórdios da capoeira no Brasil, Letícia REIS descreveu uma prática recorrente de arrecadar dinheiro ou, ainda, de disputá-lo no interior de uma roda. Denominado de “Apanha laranja no chão, tico-tico”, o jogo se desenvolvia da seguinte maneira:

Coloca-se uma nota de dinheiro no chão, bem ao centro da roda, o que dá início a uma disputa acirrada entre os dois parceiros de jogo pela posse da nota. Entretanto, só se pode apanhar a nota com a boca, o que obrigará o capoeirista a executar uma inversão corporal, já que sua boca terá que chegar ao chão para pegar o dinheiro, enquanto o outro tentará, a todo custo, evitá-lo, procurando impedir sua aproximação com o auxílio dos pés (2000, p.186).

O jogo pressupunha um caráter de disputa, pois não era rara a existência de brigas durante a realização da atividade. Pressupunha, também, o reconhecimento de superioridade técnica, pois a gestualidade necessária para pegar o dinheiro a partir de uma inversão corporal (cabeça para baixo, pernas para o ar) exigia uma habilidade apurada e precisa. Na capoeira que acontece no palco do Mercado Modelo, o jogo “Apanha laranja no chão, tico-tico” não se direciona mais à arrecadação ou à disputa pelas eventuais contribuições da assistência, pois quem está autorizado a recolher as doações é somente o mestre que coordena a roda. No entanto, vez ou outra, esse jogo é encenado, seja para mostrar a capoeira de um tempo que já passou, seja para impressionar o público com o virtuosismo técnico dos praticantes. Faz parte do espetáculo da capoeira do Mercado Modelo de Salvador, cuja existência, em grande medida, está relacionada à sua própria comercialização.

Nesse sentido, há algumas questões que merecem ser analisadas e que, indiretamente, se relacionam à permanência dos capoeiristas naquele espaço. Uma delas está relacionada ao próprio acontecer da roda, que, para ser atrativa, deve ser também diversificada.

Durante as observações, foi possível perceber que não há um ritual único a ser executado por todos

os mestres que se apresentam no palco do Mercado Modelo; não há, também, um único jeito de jogar a capoeira. Performance, arte, violência, exibição, disputa, solidariedade, exibicionismo, agressividade, foram expressões identificadas em distintas apresentações. Uma criança jogando com um capoeirista experiente, uma disputa técnica e amigável entre dois praticantes que se respeitam, o gingar ao som de uma ladainha, o ecoar de canções que louvam velhos mestres, foram visualizados tanto quanto o desferir de golpes que machucam, as atitudes de enfrentamento, as disputas mais acirradas dentro da roda e sua continuidade fora dela.

Nestor CAPOEIRA, um estudioso dessa prática corporal, afirma que é no convívio com a capoeira que afloram os melhores e os piores sentimentos.

Dentro da roda, as fachadas sociais, o verniz civilizado, caem por terra: pessoas educadas tornam-se - diante de um jogador mais fraco - violentas e agressivas; amigos colocam em risco a própria integridade física do companheiro, no afã de “vencer” o jogo; intelectuais de discurso democrático, inesperadamente - e completamente fora do contexto ditado pelo toque do berimbau do momento -, tentam afirmar-se da maneira mais primária e imatura (1992, p.128).

Contagiados pelo ritmo da percussão, pela presença de público e pela vontade de demonstrar sua perícia, a capoeira exibida no Mercado Modelo, às vezes, extrapola a encenação de uma apresentação artística, traduzindo-se em uma competição cujo objetivo é subjugar o companheiro de jogo, muitas vezes, confundido com um adversário. Em situações como essas, foi possível observar que os excessos eram contidos pelos próprios mestres, cientes de que, para a administração do Mercado, a violência pode desencadear o descrédito de sua atuação e provocar alguma espécie de punição, dentre elas, a perda do espaço ou a diminuição do tempo de apresentação.

No acontecer da roda, apesar de haver recomendações para evitar disputas ríspidas, por vezes, algum praticante impinge uma ação mais contundente. Revidar um golpe ou uma queda sofrida relaciona-se à tentativa do capoeirista de manter intacta sua moral - ou, pelo menos, tentar -, mesmo que, para isso, tenha que recorrer a gestos que expressam alguma violência. Segundo VIEIRA, “o contexto atual do jogo da capoeira opõe-se ao que se poderia chamar de ética da malandragem, em que se procura evitar o enfrentamento deliberado, o revide imediato e violento” (1998, p.109).

Dentro desse cenário, ganha a cena o “valentão”: personagem comum tanto na literatura de cordel nordestina¹⁵ quanto no universo da capoeira. Além de protestar contra o sistema vigente, com sua malícia e sua forma dissimulada de se relacionar com a vida e com os outros, o “valentão” é aquele que contesta até mesmo as próprias normas do jogo. É um indivíduo experimentado nos combates corporais que não hesita em partir para a violência quando julgar necessário, podendo-se dizer que, às vezes, a procura como forma de satisfação. Como se trata de uma tradição dentro da roda, o culto à figura do “valentão” é transmitido de mestre para aluno, tendo em vista a simpatia ou o saudosismo que muitos capoeiristas mais antigos demonstram quando fazem referência a figuras lendárias de épocas passadas, tais como Besouro Mangangá, Samuel Querido de Deus, Chico da Barra, Vitorino Braço Torto, Bilusca, Sete Mortes, Siri de Mangue, Manduca da Praia, Madame Satã¹⁶, entre tantos outros.

O falecido Mestre Noronha, em seus manuscritos (COUTINHO, 1993), registrou algumas recomendações sobre como um capoeirista deveria se portar diante da multiplicidade de situações da vida, ora encarando o problema de frente, ora se retirando para uma nova investida. Segundo o Mestre, ninguém se acovarda ao fugir de uma situação desfavorável. Ao contrário: deve procurar, por meio de sua sapiência, proporcionar situações em que a dificuldade se transfira para o companheiro de jogo. Afinal, “esta estratégia sempre foi a melhor arma, pois no palco da vida quem bate nunca lembra e quem apanha nunca esquece, sempre espera a próxima oportunidade, que certamente virá” (SILVA, 2003, p.6).

Algumas das ações mais contundentes presenciadas nas apresentações dos capoeiristas do Mercado Modelo podem se configurar como tentativas de atrair a atenção dos turistas, de ampliar seus horários ou mesmo de impor respeito perante os alunos e outros mestres. Representam, ainda, possibilidades de conquistar mais “status” e, conseqüentemente, mais dinheiro. São uma forma distinta, porém não menos presente, de vender o espetáculo.

Para além da comercialização do espetáculo que protagonizam, foi possível identificar outro modo que alguns capoeiristas adotam para ganhar algum dinheiro: o mercado do turismo sexual. Não somente no Mercado Modelo, mas em diversos locais de Salvador, os capoeiristas trabalham como “garotos de programa”, atendendo tanto mulheres quanto homens. Nesses casos, a roda de capoeira torna-se um espaço onde procuram não apenas

demonstrar sua arte, como também oferecer seus corpos, visto que uma apresentação mais viril pode ser observada também como uma maneira de exibir habilidades outras que extrapolam a gestualidade de sua técnica corporal. Essa situação foi observada diversas vezes no entorno da roda, em especial, no interesse que turistas estrangeiras demonstravam por alguns capoeiristas; estes, ao perceberem a situação, não economizavam esforços para se exibirem e, finalizada a roda, se aproximarem, na tentativa de organizar um encontro que lhes fornecesse algum dinheiro a mais.

Acontecimentos como esses têm provocado várias críticas por parte da comunidade envolvida com a capoeira na cidade de Salvador. Os argumentos utilizados para deturpar, tanto os capoeiristas quanto a própria capoeira do Mercado Modelo, giram em torno da perda da moralidade e de certo prejuízo da tradição presente no ato de jogar, que, nesse espaço de atração turística, foi substituída pela possibilidade de captar algum dinheiro. Há, ainda, alguma desqualificação da gestualidade técnica dos mestres e alunos que ali se apresentam, pois seus críticos a entendem muito mais direcionada para uma aparição performática e para a comercialização do que para a manutenção da simbologia e da tradição histórica dessa prática corporal no contexto popular brasileiro. O fato da crítica assim se manifestar não significa que os capoeiristas do Mercado Modelo sejam praticantes sem qualidade técnica. Segundo Nestor CAPOEIRA (1999), apesar de jogarem pelo dinheiro do dia, sem compromisso com as normas e simbolismos, muitos deles possuem grande conhecimento dos fundamentos da capoeira e são exímios executores.

Essa percepção que alguns mestres mais tradicionais da capoeira baiana têm dos capoeiristas do Mercado Modelo vincula-se também a outras questões que fogem do próprio espaço do Mercado. Desde há muito tempo, existe uma série de discussões sobre a autenticidade, a essência, e a gestualidade da capoeira. Muitas delas estão relacionadas à cisão entre os estilos Regional e Angola; outras se vinculam a questões de mercado de trabalho, o que envolve conquista de alunos, condições para estruturar uma associação ou academia, visibilidade fora do país e, ainda, dinheiro para sustentar o mestre. Segundo VIEIRA E ASSUNÇÃO, o panorama da capoeira no Brasil e no exterior se tornou de tal maneira complexo que é impossível atualmente distinguir apenas a capoeira Regional ou Angola. A principal razão disto é que surgiram, principalmente, no sudeste do país, estilos que se

pretendem intermediários (...). O próprio crescimento do número de praticantes, a multiplicação dos grupos e a competição no mercado criam poderosas forças centrífugas. No sentido inverso, os grupos “tradicionalistas” que defendem o resgate das tradições e criticam a crescente confusão de valores decorrente da mistura de estilos e de influências alienígenas tampouco conseguem controlar uma situação onde basta cruzar o oceano para tornar-se mestre (1998, p.108).

Nessa perspectiva, é possível afirmar que a relação que os capoeiristas do Mercado estabelecem entre si não é restrita àquele espaço: de certa forma, reflete o universo da capoeira na cidade de Salvador e fora dela - díspar, multifacetado e plural.

Em grande parte dos depoimentos obtidos com os mestres e pela observação participante realizada no trabalho de campo, pode-se perceber que há muitas desavenças e dissonâncias entre os capoeiristas que convivem no Mercado Modelo. A falta de entendimento entre eles decorre também das diferentes concepções que têm sobre a capoeira, seus objetivos e sua forma de apresentação. Nas palavras do praticante Caxixi¹⁷, “quando o assunto é dinheiro e capoeira, o Mercado Modelo é o pior lugar da Bahia”.

Essa realidade não pertence apenas aos dias de hoje ou ao espaço turístico do Mercado Modelo. Mestre Waldemar, que, nas décadas de 60 e 70, coordenava uma das rodas de capoeira mais famosas de Salvador, a roda da Liberdade, proclamava:

É que a Bahia está entupida de mestres de capoeira, ninguém mais se entende, mas o povo é o juiz eterno e infalível, e ele acaba apontando quem são os verdadeiros mestres, os donos da verdade. Mas o pior é que cada mestre fala mal dos outros, não há união, ninguém pensa que a classe deve ser unida (ABREU, 2000, p.37).

Em que pesem as diferenças entre os mestres responsáveis pela exibição da capoeira no Mercado Modelo, em diferentes momentos, foi possível perceber a existência de uma união velada entre eles. Esta se manifesta quando surge algum problema externo, ou seja, quando o “inimigo” é algo ou alguém que precisa ser minimizado em conjunto, como, por exemplo, algum desordeiro que invade a roda, um desentendimento com a polícia, algum turista que não contribui depois de ter “usufruído” da capoeira ou, ainda, as determinações da Administração Central do Mercado. Considerando a necessidade de preservar a permanência da

capoeira no interior do Mercado Modelo, que é, para muitos, a principal forma de sustento, essa união, mesmo que temporária e conjuntural, pode ser observada como agregadora de força e poder de contestação, reivindicação e sobrevivência.

O conflito com a Empresa Municipal de Turismo de Salvador (EMTURSA) é uma constante e, de certo modo, uma situação bastante explícita de visualização dessa união velada entre mestres, alunos e grupos de capoeira. Para a EMTURSA, a capoeira é um dos muitos produtos que são vendidos no Mercado Modelo e, nesse sentido, o órgão se autoriza a influenciar no acontecer da roda, buscando normatizá-la.

A influência do órgão municipal de Salvador sobre a prática da capoeira já foi analisada por Waldeloir REGO. Segundo o autor,

[...] o agente negativo no processo de decadência da capoeira, sociológica e etnograficamente falando, foi o órgão municipal de turismo. Detentor de ajuda financeira, material e promocional, corrompeu o mais que pôde. Embora o referido órgão tenha por norma a preservação de nossas tradições, os titulares que por ele têm passado, por

absoluta ignorância e incompetência, fazem justamente o contrário, direta ou indiretamente. Lembro-me bem de presenciar um deles interferir na indumentária das academias e os seus responsáveis acatarem pacatamente; e infeliz do que não procedesse assim estaria banido da vida pública para sempre. Houve época em que as academias eram fantasiadas como verdadeiros cordões carnavalescos, cada qual disputando cores mais berrantes e variadas em suas camisas e calças (1968, p.362).

Como o objetivo central é tornar a capoeira algo bonito de se ver, mais “limpa” aos olhos do leigo, houve uma série de intervenções sobre a atuação dos grupos: uso de vestuário específico, demarcação de um espaço limitado para as apresentações da capoeira (o palco), determinação de horários fixos para a sua prática, delimitação do número máximo de integrantes da roda, diminuição da altura do som da bateria para não atrapalhar o comércio, entre outras. Ou seja, é necessário fazer da capoeira um espetáculo que chame a atenção daqueles que visitam o Mercado Modelo, visando, sobretudo, a potencializar o comércio e otimizar as vendas e os negócios entre aqueles que por ali circulam.

Considerações finais

Capoeira para turista ver: resistir para existir

Ainda que a comercialização seja uma das tônicas que movimentam a capoeira no interior do Mercado Modelo, para muitos de seus capoeiristas, ela representa também um vínculo com a cultura local. Vários mestres que se apresentaram no seu pequeno palco de madeira já receberam convites para fazerem apresentações fora da Bahia ou mesmo fora do Brasil. Mesmo que essa seja uma possibilidade de divulgar sua arte e também de ganhar algum dinheiro, os mestres são unânimes em afirmar que suas vidas estão arraigadas nos solos de Salvador. Nesse território, sentem-se seguros para garantir a continuidade de sua ação na capoeira, pois podem contar com o apoio da família, dos amigos, dos alunos e da própria cidade, que preza a capoeira como um elemento cultural enraizado na sua história. Nas palavras do falecido mestre Di Mola, em entrevista ao *Correio da Bahia* no dia 27 de setembro de 2000: “Isto aqui é a minha casa,

minha família, minha escola, meu terreiro, minha religião e ninguém mexe” (p.25).

Não obstante o fato de a capoeira ser reconhecida como uma manifestação cultural de relevância na Bahia, sendo identificada, inclusive, como uma atração turística, os capoeiristas que se apresentam no Mercado Modelo não recebem qualquer subsídio ou apoio financeiro por parte das organizações ligadas ao turismo. O que conseguem arrecadar é resultante da sua intervenção junto aos turistas, e esta nem sempre é observada como correta. Inconformado com a falta de incentivo, Mestre Atabaque, um dos mais antigos do Mercado, na mesma entrevista do referido jornal, pontua: “As pessoas esquecem que os capoeiristas precisam comer, que todos aqui têm família e vivem dessa arte” (2000, p.21).

Além de não receberem nenhum apoio financeiro por parte da Administração do Mercado, os capoeiristas reclamam que muitas agências de turismo orientam os visitantes a não contribuírem financeiramente com as rodas, o que dificulta muito a aproximação no momento de solicitar uma

colaboração espontânea. Tais agências, não raras vezes, faturam com a capoeira do Mercado Modelo, pois divulgam suas imagens para vender pacotes turísticos e atrair assistentes para conhecê-la e, quem sabe, praticá-la. No entanto, dinheiro algum é repassado àqueles que fazem com que a capoeira exista no cotidiano do turismo baiano.

Outra questão importante mencionada pelos mestres mais antigos reside no fato de não existir nenhum fundo de assistência ou previdência social que permita uma aposentadoria para os capoeiristas nem algum auxílio que lhes garanta condições financeiras mínimas. Não há salário nem diárias, nem mesmo para os mestres que beiram os 60 anos, com boa parte de sua vida dedicada à capoeira do Mercado Modelo. A estrutura oferecida pelo Mercado Modelo aos capoeiristas é absolutamente precária e amadora. Se a capoeira lá se mantém como uma atração turística, isso se deve ao esforço diário dos mestres e praticantes de capoeira que se apresentam naquele espaço. Deve-se, ainda, à própria precarização de suas condições econômicas, pois, mesmo que o capoeirista não saiba quanto dinheiro vai angariar a cada dia de apresentação, aquilo que consegue é uma (às vezes, a única) possibilidade de arrecadação financeira.

Os praticantes da capoeira do Mercado Modelo são, em sua maioria, homens muito humildes que

fazem de sua arte uma forma de ganhar a vida; seus valores talvez resistam ainda à lógica do consumo e da comercialização, pois, como foi mencionado, o Mercado não lhes oferece condições dignas de vida. Vários dos mestres observados ao longo do trabalho de campo reconhecem na capoeira valores que estão para além do possível dinheiro arrecadado, ainda que vivam marginalizados por um sistema econômico que lhes é bastante adverso. Diante dessas constatações, buscam criar alternativas de sobrevivência em que esses valores são ressignificados e reapropriados como símbolos de resistência e de inconformismo (ABIB, 2004, p.117). Por tal razão, oscilam entre a tradição e o espetáculo, entre a diversão e o trabalho, entre a ludicidade e a violência. Assim, constroem, cotidianamente, a capoeira do Mercado Modelo. Uma capoeira que, por um lado, se afasta das tradições, da mandinga, da malandragem e da rivalidade das maltas e que, por outro, ressignifica esse universo, tentando torná-lo atrativo aos olhos do espectador. Uma capoeira que se faz como espetáculo cuja recompensa poderá brotar a partir de quem aprecia a ação performática de seus praticantes e reconhece nos seus corpos algo que, em detrimento da história e da tradição, sustenta uma gestualidade performática, virtuosa e impactante.

Abstract

Capoeira at the "Modelo Market" in Salvador, Bahia: performance and bodies on exhibit

This research analyzes capoeira, an Afro-Brazilian martial art, as it is practiced in a specific location: the "Mercado Modelo" in Salvador, an important tourist location in the northeastern state of Bahia. Qualitative methods using ethnographic strategies such as participant observation, field diary and semi-structured interviews were employed. Data analysis was carried out using the technique of "triangularizing information". For these purposes, four units of analysis were developed: 1) "The 'Mercado Modelo' and capoeira: between tradition and spectacle"; 2) "Capoeira at the 'Mercado Modelo': performance gesture in action"; 3) "Capoeira as a consumer good: commercialization of bodies and spectacle"; 4) "Capoeira for tourists to see: resisting in order to exist". Through the analysis of these four points, we were able to perceive that capoeira as it is performed in the 'Mercado Modelo' is highly oriented toward the show to attract tourists' attention. From this perspective, gestures are performance-oriented, meant to impress those who are watching and thus reap monetary reward. For such reasons, capoeira performers elaborate a range of strategies that oscillate between tradition and spectacle, play and competition, performance and fun; above all, they seek to preserve their place in the 'Mercado Modelo' because capoeira is their main income source.

UNITERMS: Capoeira; Tradition; Spectacle.

Notas

1. Sobre esse tema, ler VIEIRA E ASSUNÇÃO (1998), **Mitos, controvérsias e fatos**: construindo a história da capoeira.
2. Segundo REGO (1968), tal proibição constava no Código Penal Brasileiro, no Decreto 487 de 11 de outubro de 1890, Capítulo XII, artigo 402, intitulado “Dos Vadios e Capoeiras”.
3. “Consiste na participação real do observador na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo” (GIL, 1994, p.108).
4. O diário de campo é um instrumento de coleta de dados do trabalho de campo onde o investigador registra todas as informações que permeiam o processo de investigação, sejam elas reflexivas ou descritivas (LUDKE & ANDRÉ, 1986; TRIVINOS, 1987).
5. Segundo TRIVINOS (1987), por entrevista semi-estruturada entende-se, em geral, aquela “que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem respostas dos informantes” (p.146).
6. Os nomes dos informantes são fictícios. Utilizamos esse procedimento para resguardar a identidade dos colaboradores do estudo.
7. MESTRE AGOGÔ. **A capoeira do Mercado Modelo**. 13 nov 2006. Entrevista concedida a Rodrigo da Costa Farias.
8. Estilo criado por Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba) na década de 30 do século XX. Consiste do primeiro método sistematizado de treinamento da capoeira, com o objetivo de gerar maior efetividade e racionalidade dos movimentos (PIRES, 2002).
9. Estilo que teve Vicente Ferreira Pastinha (Mestre Pastinha) como maior representante. Foi organizado em contraposição ao estilo Regional e a outras lutas no início da década de 40 do século XX, buscando na ludicidade e na ritualidade africana os pilares fundamentais de sua prática (idem).
10. Capoeira de rua é uma expressão usada pelos próprios mestres e praticantes do Mercado Modelo para se referir a uma capoeira que não se vincula a princípios, nem ao tradicionalismo dos estilos já citados.
11. MESTRE BIRIBA. **A capoeira do Mercado Modelo**. 20 mai 2005. Entrevista concedida a Rodrigo da Costa Farias.
12. MESTRE PANDEIRO. **A capoeira do Mercado Modelo**. 05 abr 2005. Entrevista concedida a Rodrigo da Costa Farias.
13. Conseguir algum valor em dinheiro.
14. Brigar, arranjar confusão.
15. A literatura de cordel é um tipo de poesia popular, originalmente oral e depois impressa em folhetos rústicos, expostos para venda pendurados em cordas ou cordéis, o que deu origem ao nome. Os poemas são escritos em forma rimada, descrevendo situações do dia-a-dia, e alguns são ilustrados com xilogravuras, o mesmo estilo de gravura usado nas capas. As estrofes mais comuns são as de dez, oito ou seis versos. Os autores, ou cordelistas, recitam esses versos de forma melodiosa e cadenciada, acompanhados de viola (http://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura_de_cordel).
16. Segundo ABIB (2004), estes capoeiristas eram reconhecidos como “valentões” ou desordeiros entre outros tantos que fizeram fama na capoeiragem baiana e carioca, servindo, muitas vezes, como fonte de inspiração para a construção de um imaginário popular a partir de um processo de inversão de valores como forma de resistência.
17. MESTRE CAXIXI. **A capoeira do Mercado Modelo**. 09 jun 2005. Entrevista concedida a Rodrigo da Costa Farias.

Referências

- ABIB, P.R.J. **Capoeira angola**: cultura popular e o jogo dos saberes na roda. 2004. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas/FACED, Campinas.
- ABREU, F. **O barracão do Mestre Waldemar**. Salvador: Zarabatana, 2003.
- AREIAS, A. **O que é capoeira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CAPOEIRA, N. **Capoeira**: os fundamentos da malícia. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- _____. **Capoeira**: galo já cantou. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

- CAPOEIRA na Bahia: história e tradição. *Correio da Bahia*, 27 de setembro de 2000. p.21-25.
- COUTINHO, D. **O ABC da capoeira Angola**: os manuscritos do Mestre Noronha. Salvador: CIDOCA/DF, 1993.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- HOBBSBAWN, E. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- LIPOVESTSKI, G. **O crepúsculo do dever**: a ética indolor dos novos tempos democráticos. Lisboa: Dom Quixote, 1994.
- LUDKE, M.; ANDRE, M. **A pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- LUZ, M.T. **Novos saberes e práticas em saúde coletiva**: estudos sobre racionalidades médicas e atividades corporais. São Paulo: Hucitec, 2003.
- MOLINA NETO, V. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da educação física. In: MOLINA NETO, V.; TRIVINOS, A.N.S. **A pesquisa qualitativa na educação física**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Sulina, 1999. p.107-33.
- O MERCADO. Mercado Modelo: mercado da cultura da Bahia. Disponível em: <<http://www.portalmercadomodelo.com.br>>. Acesso em: 20 maio 2007.
- PIRES, A.L.C.S. **Bimba, Pastinha e Besouro Mangangá**: três personagens da Capoeira baiana. Goiânia: NEAB/GRASET, 2002.
- POCCIELO, C. Os desafios da leveza: as práticas corporais em mutação. In: SANT'ANNA, D.B. **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- REGO, W. **Capoeira Angola**: um ensaio sócio-etnográfico. Salvador: Itapuã, 1968.
- REIS, L.V.S. **O mundo de pernas para o ar**: a capoeira no Brasil. 2.ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.
- SILVA, A.J.P. **A Capuêra e a arte da capueragem**: ensaio sócio-etnológico. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 2003.
- SODRÉ, M. **Mestre Bimba**: corpo de mandinga. Rio de Janeiro: Manati, 2002.
- SPINK, M.J.; MENEGON, V. (Orgs.). A pesquisa como prática discursiva: superando s horrores metodológicos. In: _____. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- TRIVINOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
- VIEIRA, L.R. **O jogo da capoeira**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.
- VIEIRA, L.; ASSUNÇÃO, M.R. Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira. *Estudos Afro-Asiáticos*, v.34, p.81-121, 1998.

ENDEREÇO

Silvana Vilodre Goellner
 Centro de Memória do Esporte
 Escola de Educação Física
 Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 R. Felizardo, 750
 90690-200 - Porto Alegre - RS - BRASIL
 e-mail: goellner@terra.com.br

Recebido para publicação: 13/06/2007
 1a. Revisão: 27/09/2007
 2a. Revisão: 19/10/2007
 Aceito: 30/10/2007